

fermos do coração — e o médico veio curar-vos, porque o chamastes. O que há de estranhar que, enquanto tratais da vossa cura, façais participantes dos remédios que avigoram vosso espírito, a outros Espíritos que sofrem como vós?

Demais, já se vos disse que o livro do passado e do futuro está cerrado aos olhos da carne e que em vão tentareis profetisar?

Obedecei aos decretos superiores, sem inquirir de suas causas e de seus fins; continuai dóceis e submissos ás inspirações do Alto, porque pelo fruto se conhece a árvore, não esquecendo nunca que não faltam nas regiões das trevas Espíritos que tenham recebido, em suas encarnações, luzes especiais de que não souberam fazer o conveniente uso.

Valor, meus filho, e atividade.

Voltarei a vêr-vos e a instruir-vos.

*Maria."*

O venerando nome de *Maria*, com que termina a comunicação sob o número 17, tinha sido para nós motivo de confusão, desconfiança e receio. O excesso de luz cegava a vista de nossos espíritos. Como poderíamos nós, míseras criaturas, vencidas cada dia, centenas de vezes, nas tentações e nas provas, como poderíamos crêr-nos dignos de receber diretamente as inspirações da Mãe de Jesús! Estávamos como que atordoados, sem poder explicar o que se dava conosco e sem nos atrevermos a julgar fatos, de cuja realidade, por outro lado, não nos era permitido duvidar. Em tal estado, veio novamente *Maria* na comunicação número 20, desvanecer as causas do nosso espanto e receios. A Providência serviu-se dos meios os mais humildes para o cumprimento de seus fins: fazer brilhar com todo o esplendor a sua onipotente intervenção.

21.<sup>a</sup>

AGOSTO DE 1873

"Mil graças rendo por vos terdes lembrado de mim.

Durante a minha missão episcopal, pertenci, em aparência, á Igreja Romana, mas, na realidade, por uma intuição inata do mundo espiritual, eu pertencia á religião da verdade.

Por isso, na minha propaganda religiosa, procurei suavisar, quanto me foi possível, os dogmas do pontificado — e fundamentá-la no sublime princípio do amor, que é a alma do Evangelho de Jesús.

Não precisais de mim para os vossos ensinos, mas isso não me impede de acudir aos vossos chamados.

Vejo que a luz de vossos espíritos é muito superior á minha; segui, pois, essas inspirações, sem vacilar e sereis felizes.

Não me afastarei de vós, irmãos queridos, sem deixar-vos um conselho: vossa missão é sacerdotal, como foi a minha.

Não é sacerdote quem veste o hábito; mas, sim, quem préga a verdade e pratica a virtude. Os primeiros sacerdotes da religião cristã, foram os Apóstolos — e os Apóstolos nunca foram sacerdotes, no sentido que hoje se dá a esta palavra. Dia virá em que os sacerdotes não se distinguirão pela côr e pela fôrma de suas vestimentas; mas, sim, por suas prédicas. O verdadeiro sacerdócio não exige votos nem fórmulas especiais, nem pertence a uma determinada classe; é, pelo contrário, missão ao alcance de todos, sem distinção de estados, sexos ou condições.

Falaste no caminho da vida; segui-o.

*Vitor, bispo."*

O católico romano, que lê este livro, com a pre-



venção de sectário, dirá talvez, ao fixar os olhos na comunicação de *Vítor*: vêde como é o diabo que inter- vem nas comunicações, atacando rudemente a classe sacerdotal para destruir o Cristianismo! O lobo toma a pele do manso cordeiro, para seduzir os incautos. É o diabo! É o diabo!

Nem todos os nossos leitores julgarão de um modo tão *diabólico* — e, a este número, pertencerão todos os que examinarem a questão com um critério reto e des- prevenido.

Porque: ou no catolicismo romano as fórmulas são o essencial, e neste caso chegaríamos á conclusão de ser êle uma religião absurda — ou as palavras de *Vítor* são a fiél expressão de uma verdade dentro do catoli- cismo.

*Vítor* faz consistir a missão do sacerdote em ensi- nar a verdade e a virtude, pela palavra e pelo exemplo — e despoja do character sacerdotal a todo o que, em- bora vestindo o hábito, não guarda a harmonia entre suas palavras e seus atos com a sublimidade de sua mis- são. É atacar a classe sacerdotal? Quem assim julga, longe de pôr em evidência a mediação do espírito ma- ligno, na comunicação de *Vítor*, condena implicitamen- te o clero católico romano, dando a entender que não é mui comum, entre os sacerdotes, prégar a verdade e praticar a virtude.

*Vítor*, elevando o ministério sacerdotal, não cen- sura os ministros que, com a palavra e o exemplo, se- guem as pègadas do que foi a incarnação da divina pa- lavra; mas, sim, aqueles que têm o orgulho de se jul- garem representantes de Deus entre os homens, só por vestirem um hábito que mancham com suas misérias.

22.<sup>a</sup>

AGOSTO DE 1873

“Irmãos; a oração dominical é a síntese e a chave

da doutrina prégada pelo que morreu na Cruz. É um símbolo — uma profissão de fé essencialmente cristã — um respeitoso tributo de gratidão e adoração ao Sêr Supremo — a expressão do desejo mais ardente do co- ração humano: o desejo da eterna felicidade — a con- fissão de nossa inferioridade, de nossa debilidade, de nossas misérias, acompanhadas de uma humildade e es- pontânea submissão á divina vontade.

É também, e mui particularmente, a fórmula mais pura e expressiva da lei da caridade, única do universo moral e uma doce imitação de Jesus Cristo.

*Maria.”*

Não queremos insistir sôbre intervir ou não, nas comunicações, uma influência diabólica. A sublime mo- ral que respiram as que deixamos transcritas, revelam claramente sua origem superior — e quanto pudésse- mos falar em apoio da sua elevação e pureza, mais elo- quentemente o dizem as próprias comunicações.

Atendam bem nossos leitores, e verão que o Espi- ritismo encaminha as crenças pelas verdadeiras corren- tes evangélicas.

23.<sup>a</sup>

AGOSTO DE 1873

I

“Meus filhos, esperai, esperai (1). A semente con- fiada á terra não se transforma em loura espiga sem

(1) O princípio desta comunicação, importantíssima pelo fun- do e pela forma, responde aos nossos desejos de se propagar rapi- damente o Cristianismo, em toda a sua pureza. Tais são a bon- dade e a excelência das doutrinas espíritas, que quiseramos vê-las já aceitas pelo mundo, parecendo-nos longo o tempo, que tarda a invadir todos os entendimentos e apoderar-se de todas as vontades.